

ESCOLA DE MARIDOS

de Molière

(1661)

Tradução de

José Rubens Siqueira

(1991)

PERSONAGENS

ESGANARELO

ARISTO, irmão de Esganarelo

ISABEL

LEONOR, irmã de Isabel

LISETE, dama de companhia de Leonor

VALERIO, apaixonado de Isabel

ERGASTO, criado de Valério

DELEGADO

ESCRIVÃO

A ação se passa em Paris.

PRIMEIRO ATO

Cena 1

Entram Esganarelo e Aristo

ESGANARELO- Chega de discutir, por favor, meu irmão, que vivam todos como manda o coração. Você já era grande antes de eu ter nascido. Na sua idade devia ser mais sabido. Mas mesmo assim declaro que é minha intenção, de hoje em diante não aceitar mais correção: só o que me der na telha agora é que eu respeito e me dou muito bem vivendo do meu jeito.

ARISTO- Todo mundo censura.

ESGANARELO- Coisa de alienado, meu irmão.

ARISTO- Se isso é um elogio, obrigado.

ESGANARELO- Queria saber, seria até instrutivo, o que é que censuram no modo como eu vivo?

ARISTO- Esse teu mau humor, cuja severidade renega os prazeres da boa sociedade. Teu modo de agir que te deixa sempre à margem: até na roupa você parece um selvagem!

ESGANARELO- Verdade. A moda! Tenho de me sujeitar e não

é para mim que eu devo me arrumar! Mas não me venha, com sua frivolidade, querido irmão mais velho, pois a sua idade, vinte anos a mais, que Deus quis te brindar e não adianta nem você querer negar, não me venha você, como eu dizia antes, me inspirar seus trejeitos de jovem galante, me obrigar a usar esses chapéus pequenos, que servem pra arejar quem tem cérebro a menos e esses cabelos loiros que, em sua profusão, cobrem a cara e escondem a expressão; o gibão pequenininho aperta a axila e o colete bem curto a barriga ventila; manga que, na mesa, mergulha na comida, calça que mais parece uma cueca comprida; sapatinho macio com laço de fita dando jeito assim... de pombinha catita. Meia bem apertada, que os passos entrava e que toda manhã faz da perna uma escrava, carregando na rua o seu dono galante, igual a um moinho girando, claudicante. Você ia gostar dessas roupas em mim, pois vejo que você também se veste assim.

ARISTO- Convém se acomodar ao que é de uso geral, pois chamar atenção é pecado mortal. O excesso sempre choca e o homem feliz, em tudo o que veste e em

tudo o que diz, evita o exagero e, sem se precipitar, obedece as mudanças que a moda mandar. Claro que não falo desses pobres coitados sempre no cabresto da moda acorrentados, capazes de extravagâncias tão atroz, que se alguém é mais ousado, ficam ferozes. Mas na minha opinião não fica nada bem teimar em não usar o que a todos convém e mais vale ser xingado de alienado, que ser muito esperto e acabar isolado.

ESGANARELO- Isso está me cheirando a conversa de velha que esconde a idade na peruca vermelha.

ARISTO- Essa sua atitude é que nos separa: sempre me atirando a minha idade na cara. Parece que em mim o que mais te incomoda é a minha alegria e os enfeites da moda, como se, condenado a tudo ceder, o velho só devesse pensar em morrer e, por causa das rugas do envelhecimento, descuidar da elegância e ficar rabugento.

ESGANARELO- Seja lá o que for, eu não vou desistir nunca da minha maneira de me vestir: o penteado ideal, a despeito da moda, me protege a cabeça, mas não me incomoda; colete comprido, fechado com botão, es-

quenta a barriga e ajuda a digestão; a calça não deve deixar a perna dura e o sapato no pé, jamais ser uma tortura. Eu uso o que usavam os sábios do passado e se alguém não gostar é só olhar pro outro lado.

Cena 2

Entram Leonor, Isabel e Lisete.

Aristo e Esganarelo continuam falando baixo no proscênio sem serem percebidos.

LEONOR- *(para Isabel)* Eu cuido de tudo, se ele perder a calma.

LISETE- *(para Isabel)* Sempre no quarto trancada, sem ver viv'alma?

ISABEL- Ele é assim.

LEONOR- Isso não é vida de gente.

LISETE- *(para Leonor)* Sorte sua que o irmão dele é bem diferente. O

destino, patroa, lhe fez um favor: botou a senhora na mão do irmão melhor.

ISABEL- E um milagre ele ainda não ter me trancado e nem me chamado pra passear do seu lado.

LISETE- Credo! Eu xingava ele na mesma hora!

ESGANARELO- Se me permitem, aonde vai a senhora?

LEONOR- Ainda não sabemos. Convidei minha irmã pra sair um pouco nesta linda manhã.

ESGANARELO- (*para Leonor*) Você, por mim, pode ir onde bem quiser. (*apontando Lisete*) Pra encontrar outra igual nem precisa correr; (*para Isabel*) mas você, me desculpe, eu não deixo sair.

ARISTO- Meu irmão! elas só querem se divertir.

ESGANARELO- Você manda, meu irmão.

ARISTO- Todo jovem tem...

ESGANARELO- Jovem é tolo. E, às vezes, os velhos também.

ARISTO- Que mal pode haver dela sair com Leonor?

ESGANARELO- Nenhum. Mas comigo ela estaria melhor.

ARISTO- Mas...

ESGANARELO- Em tudo que faz é minha dependente e dos seus interesses sou eu o gerente.

ARISTO- E acha que a irmã dela não é interesse meu?

ESGANARELO- Eu faço do meu jeito, você faz do seu. As duas são órfãs e o pai delas, por sorte, entregou as duas, no seu leito de morte, aos nossos cuidados, fosse para casar ou então, no caso da gente recusar, que

desde a infância ficasse garantido que as meninas teriam um pai e um marido. Educar aquela ali é encargo seu e eu me comprometi de criar Isabel. Você educa como quer sua Leonor, me deixe que eu cuide da minha, por favor.

ARISTO- Eu acho...

ESGANARELO- Eu também. E digo alto e bom som, num assunto desses falar claro é que é bom: se a sua pode sair, pimpona e airosa, tudo bem; que tenha até uma dama dengosa, concordo; que passe os dias desocupada e que com os mocinhos dê lá suas flertadas, fico até contente; mas prefiro que a minha viva do meu jeito e não decida sozinha; que toda sua roupa seja sempre discreta e que só capriche mais em dia de festa. Que fechada em casa, seja bem comportada, com as tarefas do lar sempre muito ocupada, me remendando as meias com o maior prazer ou então tricotando nas horas de lazer; que não dê ouvidos a gracejos de rapaz e sem alguém que acompanhe não saia jamais- Como a carne é fraca, eu estou sempre alerta: não quero ter de chifres a testa coberta. Como o destino dela é se casar comigo, pretendo cuidar de-

la o melhor que consigo.

ISABEL- Acho que você não tem razão para...

ESGANARELO- Quietinha! Vou te ensinar a nunca mais sair sozinha.

LEONOR- Mas porque...

ESGANARELO- Com a senhora eu não falei nada; se é tão sabida, devia ficar calada.

LEONOR- Não gosta de ver Isabel com a gente?

ESGANARELO- Você mima a sua irmã, falo francamente. Suas visitas aqui são sempre um horror e se não viessem mais seria um favor.

LEONOR- Quer que eu também seja franca, de coração? Eu não posso afirmar qual é a opinião da minha irmã, mas minha maior desconfiança é que temos o mesmo sangue por herança, mas nunca poderemos ser irmãs direito, se ela continuar tratada desse jeito.

LISETE- Falando sério isso até chama mau agouro. Mulher viver trancada é coisa de mouro! Diz-que eles escravizam as pobres coitadas e por isso as suas almas são excomungadas. Nossa honra, doutor, pode até perigar se a gente é obrigada a se comportar. O senhor acha que, contra a nossa intenção, adianta al-

guma coisa tanta precaução? Quando a gente mete alguma coisa na testa, o homem mais fino não passa de uma besta! Tanta proibição é coisa de demente; o mais certo, meu Deus!, é confiar na gente. Quem mexe com mulher tá correndo perigo porque a minha honra é assunto meu comigo! A coisa que mais dá vontade de pecado é alguém desconfiado do nosso lado. Se um dia um marido por medo me sujeita, aí que eu vou querer confirmar a suspeita.

ESGANARELO- (*para Aristo*) Taí, professor, a sua bela educação! E você aguenta tudo sem reação?

ARISTO- Meu irmão, é ridículo o que está dizendo. Ela até que tem razão com esse argumento. As mulheres também amam a liberdade; e seria um êrro abusar da austeridade. Não são grades, cadeados, nem desconfiança que fazem a virtude da mulher, da crianças é a honra que mostra o caminho do dever e não o rigor que podemos exercer. E muito estranho, te digo de coração, uma dama ser séria só por obrigação. Em questão de regras, não adianta exagerar. E seu afeto que temos de conquistar. Nem com todo cuidado do mundo eu poria minha honra entre as mãos de al-

guém que poderia, sentindo a primeira mordida do desejo, achar logo um jeito de não perder o ensejo.

ESGANARELO- Bobagem tudo isso!

ARISTO- Não. Você se ilude, pois é sorrindo que se educa a juventude e seus defeitos se corrige com amor, porque a virtude não pode inspirar temor. Eu, com Leonor, respeito sempre esses preceitos; suas pequenas liberdades não são defeitos, os seus jovens desejos sempre consenti e até hoje nunca me arrependi. Deixei que ela tivesse belas companhias, nos bailes e teatro sempre se divertia e acredito que essas coisas são preciosas pra boa formação de uma jovem curiosa. Na vasta escola do mundo, o ensino vivo instrui mais, eu acho, do que qualquer livro. Ela gasta em roupas, em renda e fita. O que você quer, meu irmão? Que eu não permita? São pequenos prazeres que a nós dois convêm permitir às meninas, pois temos os bens. Por ordem do pai, ela tem de se casar comigo, mas eu não quero tiranizar. E grande a diferença entre as nossas idades, quero que ela escolha com plena liberdade. Se o dinheiro que ganho de rendas mensais, minha ternura, meu carinho for ca-

paz de convencer a ela que o casamento com homem mais velho não será um tormento, nos casamos; se não, que escolha um mais menino, pois sei que, assim, será melhor o seu destino. Quero que ela case com o homem que escolher e não que me entregue sua mão só por dever.

ESGANARELO- Como ele é doce! Mistura açúcar com mel!

ARISTO- Verdade. E assim que eu sou e dou graças ao céu. Não gosto dessa regra severa demais que faz o filho querer a morte dos pais.

ESGANARELO- O que os jovens entendem por liberdade, não se controla com tanta facilidade e vão se rebelar se você pretender mudar um dia a sua maneira de viver.

ARISTO- E por que mudar?

ESGANARELO- Por que?

ARISTO- É.

ESGANARELO- Alguém duvida?

ARISTO- Acha que sua honra pode sair ferida?

ESGANARELO- Se casar com ela vai deixar que ela queira a mesma liberdade que tinha em solteira?

ARISTO- E por que não?

ESGANARELO- Não creio que você permita que ela continue

usando renda e fita.

ARISTO- Permito.

ESGANARELO- Não acha que vai se sentir mal de ter de ir atrás dela em baile e sarau?

ARISTO- Não.

ESGANARELO- Se ela convida um rapaz, você consente?

ARISTO- Que tem?

ESGANARELO- Na sua casa e inda levando um presente?!

ARISTO- Eu concordo.

ESGANARELO- E se ela resolver flertar?

ARISTO- Tudo bem.

ESGANARELO- Você está querendo me enganar que aguenta calado uma visita dessa?

ARISTO- É.

ESGANARELO- Vá! Você está velho e perdeu a cabeça! (*para Isabel*) Pra dentro. Não quero que escute essa indecência.

Sai Isabel.

Cena 3

Aristo, Esganarelo, Leonor, Lisete.

ARISTO- Me entregar á mulher em total inocência, foi sempre o meu ideal e não tem retorno.

ESGANARELO- Pois eu vou achar bem gozado te ver corno!

ARISTO- Não sei o que o futuro reserva pra mim, mas sei que se você ainda não é assim não é por falta de tentar. Você protesta, mas agindo como age, cuidado com a testa.

ESGANARELO- Ria, pode rir! Mas esse teu comentário não cai bem num gozador quase centenário!

LEONOR- Quanto a isso, eu faço até um juramento: se ele um dia me receber em casamento vai poder confiar; mas nada posso prever se algum dia tivesse de ser tua mulher.

LISETE- Quem confia na mulher, tranquilo adormece; homem do seu tipo, essa benção não merece.

ESGANARELO- Sai, língua maldita de cobra peçonhenta!

ARISTO- Você mesmo atrai pra si essa tormenta, meu irmão. Adeus. Vê se se alegra e entende que trancar sua mulher não é muito inteligente. Estou sempre às ordens.

ESGANARELO- Pois eu não estou, não.

Saem Aristo, Leonor e Lisete.

Cena 4

Esganarelo, sozinho.

ESGANARELO- Olha só esses dois! Como a luva e a mão! Que bela família! Um velho convencido querendo ser galã num corpo destruído; uma moça mandona, cheia de ousadia e a jararaca da dama-de-companhia. Ninguém neste mundo arrisca o siso e a razão pra corrigir uma tal avacalhação. Isabel pode perder nesse contato as sementes que eu plantei de honra e recato. Pra que isso não aconteça, boto ela de molho na casa de campo, entre os perus e repolhos.

Cena 5

Entram Valério e Ergasto.

VALERIO- (*no fundo do teatro*) Olha lá, Ergasto, aquele cão medonho que guarda a sete chaves a mulher dos meus sonhos.

ESGANARELO- (*pensando que está só*) E inacreditável, até me

arrepia, a corrupção dos costumes hoje em dia.

VALERIO- Em vez de ficar aqui de longe, espionando, eu devia ir logo me apresentando.

ESGANARELO- (*pensando que está só*) Em vez de respeitar aquela seriedade que antigamente garantia a honestidade, o jovem hoje em dia, quer ser libertino e só...

VALERIO- (*cumprimentando de longe com o chapéu*) Ele não enxerga, esse velho cretino!

ERGASTO- Vai ver que é meio cego desse olho de cá. Vai pelo outro lado.

ESGANARELO- (*pensando que está só*) Eu tenho de me mudar. Viver na cidade só dá preocupação e eu...

VALERIO- (*aproximando-se pouco a pouco*) Tenho de fazer minha apresentação.

ESGANARELO- (*ouvindo um ruído*) Êpa! O que foi? (*pensando que está só*) No campo, a gente sossega porque lá bobagem da moda não chega.

ERGASTO- (*para Valério*) Vai lá!

ESGANARELO- (*ouvindo um ruído*) Pois não? (*não ouvindo mais*) Não é nada, estou ouvindo mal. (*pensando que está só*) Lá, as moças se divertem dentro da moral. (*percebe Valério que cumprimenta*) E comigo?

ERGASTO- (*para Valério*) Vai.

ESGANARELO- (*falando consigo mesmo*) Lá nenhum moço ousaria seduzir... (*Valério cumprimenta*) Que diabo! (*ele se vira e dá com Ergasto que cumprimenta do outro lado com o chapéu*) Mais? Que chapelaria!

VALERIO- O senhor desculpe, mas posso interromper?

ESGANARELO- Talvez.

VALERIO- E uma grande honra lhe conhecer. O senhor nem sabe como eu tinha vontade de apertar sua mão. É um prazer, de verdade.

ESGANARELO- Seja.

VALERIO— E me coloco, sem nenhum artifício, sincera e inteiramente ao seu serviço.

ESGANARELO- Acredito.

VALERIO- A minha casa é quase vizinha e agradeço por isso à minha fada-madrinha.

ESGANARELO- Faz bem.

VALERIO- O senhor já sabe da novidade que corre na corte? Dizem que é verdade.

ESGANARELO- Que me importa?

VALERIO- Está certo. Nas é que a gente, às vezes, quer saber uma notícia quente. Não vai participar do grande

festival pelo nascimento do príncipe real?

ESGANARELO- Se eu quiser.

VALERIO- E. O que Paris pode nos dar não se encontra nunca em nenhum outro lugar. A vida no campo é sempre tão recolhida... Qual é o seu passatempo?

ESGANARELO- Cuido da minha vida.

VALERIO- O espírito exige descanso das misérias, do excesso de preocupação com coisas sérias. Que é que o senhor faz de noite, antes de dormir?

ESGANARELO— O que me dá na telha.

VALERIO- O que eu queria ouvir era exatamente o que o senhor aconselha: só fazer sempre aquilo que nos dá na telha. Se o senhor disser que não vou incomodar talvez eu pudesse, um dia, lhe visitar?

ESGANARELO- Talvez.

Sai Esganarelo.

Cena 6

Valério e Ergasto.

VALERIO- O que é que você me diz desse louco?

ERGASTO- Tem cara de lobisomem e fala pouco.

VALERIO- Ah! Que raiva!

ERGASTO- De que?

VALERIO- De que?! Da sacanagem de ver a minha amada nas mãos de um selvagem, um dragão de guarda, cuja ferocidade não deixa ela gozar nenhuma liberdade.

ERGASTO- Nas isso é a seu favor; e é nessa confiança que o seu amor deve botar toda esperança. Olha, só pra deixar sua alma conformada: mulher trancada já tá meio conquistada. Carranca de pai e de marido raioso, só faz ajudar a conquista do amoroso. Não sou de namoro, não sou nenhum Don Juan, com esta minha cara nem sonho em ser galã, mas já trabalhei pra muito conquistador que diziam sempre ter muito mais sabor derrotar um marido desses bem marrudo que chega em casa gritando e quebrando tudo; desses bruto, empafiado, que sem-quê-nem-pra-quê leva sempre a mulher ali no vamo-vê e no cargo de marido, muito contente, diz que quebra a cara de qualquer pretendente. Desses casos é que se deve tirar vantagem. E quando qualquer dama sofre esse ultraje, saber ouvir com a boa vontade de um monge, pra

levar as coisas um pouquinho mais longe. Enfim, o senhor tá quase na porta do céu, basta enfrentar a fera, o tutor de Isabel.

VALERIO- Nestes quatro meses de amor apaixonante, não pude estar com ela nem um só instante.

ERGASTO- Quem ama, inventa; mas o senhor nem tenta. Se fosse eu...

VALERIO- Nada! Ela nem me cumprimenta, sempre acompanhada por aquele malvado. Naquela casa não tem dama, nem criado que mediante uma boa gratificação pudesse me ajudar nesta minha paixão.

ERGASTO- Então ela ainda não sabe do seu amor?

VALERIO- E isso justamente o mais perturbador. Quando esse misantropo sai com a minha bela, eu estou sempre como uma sombra atrás dela, tentando, com os olhares mais descarados, demonstrar o quanto eu estou apaixonado. Com a linguagem do olhar eu já falei bastante, mas será que ela entendeu? Quem é que garante?

ERGASTO- Essa língua, é verdade, nem sempre é clara, se não vem com o reforço da escrita ou da fala.

VALERIO- O que é que eu faço pra acabar com esse tormento e

saber se ela sabe do meu sentimento? Me diz um jeito!

ERGASTO- A gente vai ter de inventar. Vamos voltar pra casa e continuar a sonhar.

Saem Valério e Ergasto.

SEGUNDO ATO

Cena 1

Entram Isabel e Esganarelo

ESGANARELO- Por tudo isso que você me revela agora, já sei quem é a pessoa e também onde mora.

ISABEL- (*à parte*) Meu Deus! preciso seu perdão e ajuda urgente pra esta armadilha de amor tão inocente.

ESGANARELO- E alguém te contou que ele se chama Valéria?

ISABEL- E.

ESGANARELO- Vá. Entre e descanse que este assunto é sério. Vou agora mesmo falar com esse bandido.

ISABEL- (*saindo*) .Para uma moça, o meu plano é bem atrevido. Mas diante do rigor com que ele me trata, qualquer um me desculpa, até mesmo uma beata.

Sai Isabel.

Cena 2

Esganarelo, sozinho.

ESGANARELO- Não percamos tempo. (*vai bater na porta de Valério*) É aqui. Quem vem lá? Estou sonhando. Ô de casa! Alguém! Olá! Não me admira nada, estou até desejoso que ele mesmo atenda, todo cerimonioso. Estou bem preparado e tanto suspirar...

Cena 3

Entram Valério e Ergasto.

ESGANARELO- (*para Ergasto que apareceu de repente*) Peste de grandalhão que, só pra me assustar, brota do chão na minha frente feito um muro!

VALERIO- O senhor desculpe...

ESGANARELO- Ah! É você que eu procuro.

VALERIO- Eu?

ESGANARELO- Você mesmo. Não é Valério o seu nome?

VALERIO- E.

ESGANARELO- Pois eu quero lhe falar de homem pra homem.

VALERIO- Permita que eu me coloque ao seu dispor.

ESGANARELO- Não. Sou eu que venho lhe fazer um favor. Só por causa disso vim bater na sua porta.

VALERIO- Na minha?

ESGANARELO- Na sua. Por que essa cara torta?

VALERIO- E de surpresa! Permita que eu lhe hipoteque toda a minha...

ESGANARELO- Por favor, sem salamaleque.

VALERIO- O senhor não quer entrar?

ESGANARELO- Não é necessário.

VALERIO- Faça-me o favor.

ESGANARELO- Não, não. Isso é secundário.

VALERIO- Mas não podemos conversar aqui na rua.

ESGANARELO- Eu daqui não saio.

VALERIO- Então, eu me rendo à sua decisão, se é isso mesmo que o senhor quer. (para Ergasto) Traga uma cadeira.

ESGANARELO- Eu quero falar em pé.

VALERIO- Quanta cerimônia!...

ESGANARELO- Ah! Mas que amolação!

VALERIO- Essa recusa é até falta de educação.

ESGANARELO- Falta de educação mesmo é não escutar quando uma pessoa está querendo falar.

VALERIO- Sou todo ouvidos.

ESGANARELO- Pois é bom que seja, sim.

Os dois fazem grandes cerimônias para colocar os chapéus na

cabeça.

ESGANARELO- Tanta cerimônia até atrai coisa ruim. Quer me escutar?

VALERIO- Claro, de todo coração.

ESGANARELO- Você sabe que eu sou tutor e guardião duma moça muito nova e até bonitinha que se chama Isabel e é sua vizinha?

VALERIO- Sei.

ESGANARELO- Se já sabe, então, eu vou ser mais preciso: será que sabe que eu com ela simpatizo e que, além de tutor, tenho o direito de, pelo casamento, repartir seu leito?

VALERIO- Não.

ESGANARELO- Pois agora já sabe. Mas digo mais: poupe o teu fogo e me deixe a moça em paz.

VALERIO- Quem? Eu?

ESGANARELO- Você, sim. Não seja dissimulado.

VALERIO- Mas quem foi que disse que estou interessado?...

ESGANARELO- Alguém que sabe disso melhor que ninguém.

VALERIO- Quem?

ESGANARELO- Ela mesma.

VALERIO- Ela?

ESGANARELO- Ela. Ouviu bem? Como é moça honesta e me ama desde criança, se abriu comigo com absoluta confiança e me encarregou de te trazer um recado: não quer mais você atrás dela pra todo lado. E um ultraje, mas ela não pôde evitar de compreender a linguagem do teu olhar. Teu desejo secreto já é bem conhecido, mas perca as esperanças: é tempo perdido. Não dá pra corresponder um amor assim, que ofende um coração que só pertence a mim.

VALERIO- Foi ela que pediu para o senhor trazer...?

ESGANARELO- (*cortando*) Um recado sincero e fácil de entender. Vendo que a tua alma estava machucada, Isabel começou a ficar preocupada e achou que era melhor te avisar bem ligeiro, mas não tinha ninguém pra ser o mensageiro. Enfim, cansada dum tormento tão extremo, acabou tendo de pedir para mim mesmo. Agora você já está muito bem advertido que o coração dela já está comprometido. Chega de tanta piscada, tanto sorriso, pois se você tiver um mínimo de juízo, vai cantar noutra freguesia. Até mais ver. E esse o recado que eu tinha de trazer.

VALERIO- (*baixo para Ergasto*) O que você me diz, Ergasto,

dessa história?

ESGANARELO- (*baixo à parte*) Olha lá o susto dele!

ERGASTO- (*baixo para Valério*) Não sou de oratória, mas pelo que eu entendo, ela não está ofendida. Nesse mistério todo tem coisa escondida: isso aí não é recado duma donzela que despreze o amor que o senhor sente por ela.

ESGANARELO- (*à parte*) Teve o que merece.

VALERIO- (*baixo para Ergasto*) Acha que tem mistério?...

ERGASTO- (*baixo*) Claro. Ele está olhando, vamos entrar, seu Valério.

Saem Valério e Ergasto.

Cena 4

Esganarelo, sozinho.

ESGANARELO- Que atrapalhão na cara do coitado! Claro: não esperava receber esse recado. Agora, Isabel! Ela é uma prova viva dos frutos que, na alma, o ensino cultiva. O fogo da virtude brilha no seu peito: chega a se ofender com o olhar desse sujeito.

Cena 5

Entra Isabel.

ISABEL- (*baixo, entrando*) Meu medo é que Valério, tão apaixonado, não entenda direito a intenção do recado; o que eu precisava, já que estou prisioneira, é uma alma mais sábia pra ser mensageira.

ESGANARELO- Já estou de volta.

ISABEL- E então?

ESGANARELO- Não imagina o efeito da sua mensagem para aquele sujeito. Ele tentou negar que a paixão lhe consome, mas quando eu disse que falava em teu nome, ele ficou ouvindo mudo e tão confuso que acho que agora estamos livres desse intruso.

ISABEL- Nem diga isso! Tenho medo é do contrário: que ele possa piorar ainda mais teu calvário!

ESGANARELO- E que medo é esse que tanto te arrasa?

ISABEL- Você tinha acabado de sair de casa quando, indo respirar um pouco na janela, vi que vinha vindo um moço pela viela que logo, por ordem daquele impertinente, veio me dar um bom dia surpreendente e jo-

gou para dentro uma caixa fechada que continha uma carta de amor descarada. Tentei devolver tudo no mesmo instante, mas quando olhei o moço já ia distante. Me deu tanta raiva, que eu podia ter explodido.

ESGANARELO- Mas que descaramento daquele bandido!

ISABEL- O meu dever agora é devolver urgente a caixa e a carta desse impertinente. Mas para isso eu vou precisar de alguém... Só que você eu não ousou...

ESGANARELO- Ao contrário, meu bem, pra mim isso é uma prova de fidelidade. Aceito o encargo com a maior boa vontade. Você nem imagina o prazer que me deu!

ISABEL- Está aqui.

ESGANARELO- Vamos ver o que ele te escreveu.

ISABEL- Ai, Deus! E melhor não abrir.

ESGANARELO- E por que não?

ISABEL- Ele vai pensar que caí na tentação! Uma moça honesta deve sempre evitar ler qualquer bilhete que um homem lhe mandar. A curiosidade que esse gesto provoca dá um prazer secreto que por nada se troca. Por isso eu acho muito mais conveniente a carta

voltar fechada pro remetente, para que ele entenda, hoje, sem mais demora, o desprezo que sinto por ele agora; assim ele perde duma vez a esperança e não tenta nunca mais essa extravagância.

ESGANARELO- E. Você tem razão e falou muito bem. Tua prudência me encanta e a virtude também. Na tua alma, minhas lições acharam abrigo e você merece, enfim, se casar comigo.

ISABEL- Eu aceito tudo o que você decidir: está em suas mãos, se quiser pode abrir.

ESGANARELO- De jeito nenhum! Você tem toda razão e vou agora mesmo cumprir a missão: num pulinho estou lá, transmito o seu recado e logo volto e ficamos sossegados.

Sai Isabel.

Cena 6

Esganarelo sozinho.

ESGANARELO- Minha alma chega a ficar arrebatada de ver que ela é uma moça assim tão recatada! Tenho em

casa um tesouro de tanto valor, que acha até traição um mero olhar de amor e vê numa carta uma ofensa sem remédio que devolve ao galã por meu intermédio! Diante disso tudo, uma pergunta me vem: será que a do meu irmão é assim também? E. A mulher é aquilo que dela se faz. Ô de casa!

Bate na porta de Valério.

Cena 7

Entra Ergasto.

ERGASTO- O que é?

ESGANARELO- Diga pra aquele rapaz nunca mais ousar mandar carta de namôro escondida dentro de caixinha de ouro, porque a minha Isabel ficou muito irritada. Olhe, a carta veio como foi: lacrada. Isso é pra ele aprender a apagar as brasas e escolher melhor para quem arrasta as asas.

Sai Esganarelo.

Cena 8

Entra Valerio.

VALERIO- O que é que ele te deu, essa besta quadrada?

ERGASTO- Aquela carta com a caixinha dourada que diz-que o senhor mandou pra Dona Isabel. Ele falou que ela fez um grande escarcéu e nem quis abrir o envelope lacrado. Leia logo. Vamos ver se eu estou enganado.

VALERIO- (lendo) "Esta carta irá, sem dúvida, surpreendê-lo. Você poderá achar muito ardilosas tanto a minha coragem de lhe escrever, como a maneira de lhe enviar a carta, porém eu me encontro numa situação que não sei mais o que fazer. O terror muito justificado pelo casamento que me ameaça dentro de seis dias, me leva a arriscar tudo. E decidida me libertar, seja da maneira que for, achei que deveria escolher você, em vez do desespero. Não pense que isso se deve apenas ao meu destino malvado: não foi o tormento em que me encontro que fez nascer os sentimentos que tenho por você, mas foi ele que precipitou esta declaração e me fez passar por cima das formalidades e do decoro que exige o meu sexo. Só depende

de você que logo estejamos juntos eu esperava apenas que você definisse as intenções do seu amor, para lhe comunicar a resolução que tomei. Pense, sobretudo, que o tempo urge e que dois corações que se amam devem se entender com meias palavras.”

ERGASTO- Então, patrão, a coisa está mais que normal. Pruma moça nova ela até não se dá mal! Em assunto de amor até que é bem manhosa.

VALERIO- Ah! eu acho que ela é deliciosa! Esse lance de espírito e de tanto afeto faz meu amor por ela ainda mais completo e aquela beleza me faz estremecer...

ERGASTO- E vem o trouxa; vê lá o que vai dizer.

Cena 9

Entra Esganarelo.

ESGANARELO- (*pensando que está só*) Ah! mil vezes bendito seja esse decreto que proíbe o luxo e dá valor ao discreto. Vai ser um bom freio pros gastos da mulher e alívio pro que os maridos têm de sofrer. Ele sabe o que faz e faz bem, nosso rei! Pros maridos seria ainda melhor se a lei também proibisse todo assanhamento junto com as rendas, as fitas e ornamentos! Eu queria o texto dessa lei no papel para ler em voz alta para Isabel. Seria instrutivo pra ajudar a passar o tempo, hoje, depois do nosso jantar. (*percebendo Valério*) Ainda pensa mandar, moço dos cachos louros, bilhetinhos de amor em caixinhas de ouro? Pensou que ela era dessas, fácil de agradar, louca por uma intriga e pronta pra flertar? Em vez de agradar,

o seu presente ofende. É atirar pérolas aos porcos, me entende? Ela é pura e me ama. Teu amor, em resumo, só faz incomodar. Vê se toma o teu rumo!

VALERIO- Seu mérito, que todo mundo reconhece, eu não superaria por mais que quisesse e foi loucura minha, no meu ardor fiel, disputar com o senhor o amor de Isabel.

ESGANARELO- Está certo, é loucura.

VALERIO- Mas eu não teria nunca procurado aquela que me atraía se pudesse prever que esta alma miserável ia ter de enfrentar rival tão formidável.

ESGANARELO- Acredito.

VALERIO- Agora nada posso esperar. Eu me rendo ao senhor e não vou protestar.

ESGANARELO- Faz muito bem.

VALERIO- Assim ordena o meu destino, pois sendo o senhor um cavalheiro tão fino, não posso aceitar que esta paixão impudica perturbe a afeição que Isabel lhe dedica.

ESGANARELO- Evidentemente.

VALERIO- Eu abandono a arena. Mas espero em Deus que o senhor tenha pena deste meu coração cheio de so-

frimento e que o senhor mesmo lançou nesse tormento. Tudo que lhe peço é que explique a Isabel que nestes tres meses meu coração bateu por ela com o amor mais imaculado e jamais sonhei nada que fosse pecado.

ESGANARELO- Sei.

VALERIO- Que obedecendo o que minha alma me impôs o meu desejo era que fosse minha esposa, não fosse pelo senhor, que teve essa sorte e que eu respeito como um rival mais forte.

ESGANARELO- Muito bem.

VALERIO- E que pode ter toda a confiança que sua beleza não me sai da lembrança; que mesmo que o céu me mande o pior dos tormentos meu amor será dela até o último alento; e uma única coisa impede o meu amor: *é* o respeito que eu tenho pelo seu valor.

ESGANARELO- Muito bem falado. Agora eu vou voltar pra repetir teu discurso e ela sossegar. Mas se me permite dar um conselho, tente arrancar pra sempre essa paixão da tua mente. Adeus.

ERGASTO- (*para Valério*) Belo truque, patrão!

Saem Valério e Ergasto.

Cena 10

Esganarelo, sozinho

ESGANARELO- Me enche de piedade esse pobre infeliz, cheio de amizade. Mas azar o dele ter um dia sonhado conquistar um forte que já está conquistado.

Bate na porta de sua própria casa.

Cena 11

Entra Isabel.

ESGANARELO- Nunca vi uma alma ficar tão perturbada com uma carta de amor devolvida fechada. Ele perdeu toda a esperança e desistiu, mas vou te repetir o que ele me pediu: "que o amor dele por você é imaculado e jamais sonhou nada que fosse pecado. Que obedecendo o que sua alma lhe impôs o seu desejo era que fosse a sua esposa, se não fosse por mim, que tive essa sorte e que ele respeita como um rival

mais forte. E que você pode ter toda a confiança que tua beleza não lhe sai da lembrança; que mesmo que o céu lhe mande o pior dos tormentos será teu o amor dele, até o último alento; e uma única coisa impede o seu amor: é o respeito que ele tem pelo meu valor.“ Suas palavras exatas. E em vez de culpar o coitado, tenho e pena dele te amar.

ISABEL- *(baixo)* Isso confirma o que eu sabia em segredo e que os olhos dele me diziam sem medo.

ESGANARELO- Que foi?

ISABEL- Disse que é triste que você se importe com esse homem que eu odeio mais que a morte e que se você me ama tanto quanto diz, devia era se ofender com esse infeliz.

ESGANARELO- Mas ele não sabia a tua decisão e por essa honestidade de intenção, o amor dele merece...

ISABEL- Acha que é coisa boa, me diga, tentar raptar uma pessoa? Acha que é ser "coitado" ter a intenção de me arrancar à força das suas mãos? Como se eu ainda pudesse erguer a cabeça depois de terem me feito uma infâmia dessa!

ESGANARELO- Como?

ISABEL- Isso mesmo. Eu sei que esse traidor está planejando virar um raptor. O que eu não sei é como ele ficou sabendo que você já marcou o nosso casamento para daqui a oito dias, o mais tardar, pois foi só ontem que você me pôs a par. O que me disseram é que ele está decidido a impedir que você venha a ser meu marido.

ESGANARELO- Ele não vale nada!

ISABEL- Vai me desculpar, mas ele não é um "coitado" que até dá?...

ESGANARELO- Ele me enganou. Isso já é safadeza!

ISABEL- Tudo por causa da sua delicadeza. Se tivesse mostrado com mais energia a tua raiva e a minha recusa, ele entendia. Pois só depois de ver a carta desprezada, ele resolveu que não quer me ver casada. Pelo que disseram, ele ainda está iludido que esse amor dele vai ser bem recebido. Que, não importa o que pensem, vou te deixar e que escapar das tuas mãos só vai me alegrar.

ESGANARELO- Ele é louco.

ISABEL- Mas na tua frente ele disfarça e o respeito que demonstra é só uma farsa. E escolhe belas palavras pa-

ra mentir. Eu sou bem infeliz, tenho de admitir, pois apesar do esforço pra manter o respeito e recusar as propostas desse sujeito, tenho de me ver exposta a esse vexame de inventarem pra mim esse plano infame!

ESGANARELO- Não tenha medo.

ISABEL- Agora, falando sério, se você não enfrentar o golpe de Valério e achar um jeito de me deixar protegida dessa perseguição dele, tão atrevida, eu abandono tudo e não vou poder mais resistir às afrontas que ele me faz.

ESGANARELO- Vá, minha noivinha, não se aflija em vão! Eu vou falar com ele e passar um sermão.

ISABEL- Diga, mesmo que ele ainda insista no engano que, de fonte segura, eu já sei do seu plano. Que depois desse aviso, faça o que fizer, duvido que consiga me surpreender. Pra ele não gastar suspiros neste momento. Que saiba, por você, quais são meus sentimentos, pois se ele não quiser ver alguém infeliz, que nunca mais repita aquilo que diz.

ESGANARELO- Falo o que for preciso.

ISABEL- fias tudo num tom que dê a impressão que eu desejo

tudo de bom.

ISABEL- Com a maior impaciência? eu fico te esperando. Por favor, vá o mais depressa que puder. Eu sofro quando fico muito sem te ver.

ESGANARELO- Vá, neném, meu coração, volto num instante.

Sai Isabel.

Cena 12

Esganarelo sozinho.

ESGANARELO- Pode haver alguém melhor e mais bem-pensante? Ah! eu sou feliz! E uma bênção divina achar justo a mulher que a gente imagina! E. Toda mulher devia ser desse jeito e não como as dengosas cheias de trejeitos que gostam de se exibir por Paris inteira, levando os pobres maridos pela coleira.

Bate à porta de Valério.

ESGANARELO- Está em casa o galã que tanto suspira?

Cena 13

Entram Valério e Ergasto.

VALERIO- O que é que traz o senhor aqui?

ESGANARELO- Sua mentira.

VALERIO- Como?

ESGANARELO- Sabe muito bem do que estou falando. Achei que era mais sabido e fui confiando, mas sua bela fala traiu minha confiança e você me escondeu a sua louca esperança. Eu tentei ser educado e não te ferir, mas agora você me obriga a explodir. Não tem vergonha, sendo um homem cortês, de esconder no peito esse projeto que fez? Pensar em raptar uma moça honrada e impedir que ela case na data marcada?

VALERIO- E quem foi que inventou essa história estranha?

ESGANARELO- A própria Isabel, não me venha com artimanha! Ela manda dizer, pela última vez, que já deixou bem clara a escolha que fez; que, de coração, acha seu plano uma ofensa; que é melhor morrer que sofrer essa insolência e que você pode causar uma tragédia, se não acabar de uma vez com essa comédia.

VALERIO- Se for verdade que é assim que ela se sente, então

eu desisto de ser seu pretendente. Com essas palavras, tudo está terminado e aceito a decisão que ela tenha tomado.

ESGANARELO- Se for?... Você duvida? Eu lá ia inventar essas queixas que ela mandou eu te falar? Quer que ela mesma te explique o que sente? Eu concordo, pra esclarecer a tua mente. Venha comigo, se você não acredita que entre nós dois o seu coração não hesita.

Bate na porta de sua própria casa.

Cena 14

Entra Isabel.

ISABEL- O que? Você trouxe ele aqui? Mas com que fim? Será que está do lado dele e contra mim? Acha que ele é um santo? Vai querer me impor que receba ele em casa e lhe dê meu amor?

ESGANARELO- Não. Sabe que eu te amo demais para isso. Mas ele não quis dar ouvido ao meu aviso e acha que fui eu que inventei sozinho que dele você tem raiva e por mim carinho. Então achei melhor você

mesma explicar que ele está errado em continuar a esperar.

ISABEL- (*para Valério*) Depois de devassar minha alma dolorida e os meus sentimentos, você ainda duvida?

VALERIO- É. Tudo o que me disse Seu Esganarelo, pode assustar um espírito mais singelo. Duvidei, confesso. E essa sentença suprema que decide a sorte desta paixão extrema, sem querer ofender, é pra mim tão atroz, que eu queria ouvir de sua própria voz.

ISABEL- Não. Não deve se assustar com essa sentença: são os meus sentimentos e não uma ofensa. Sentimentos que eu tenho tão equilibrados que podem ser abertamente declarados. Quero que todos saibam, vou falar bem claro: eu, por destino, com dois homens me deparo. Ambos me inspiram diversos sentimentos e me aflige o coração tanto movimento. Um, que por seu grande valor muito me anima, tem toda a minha ternura e a minha estima; e o outro, como prêmio da sua afeição tem toda a minha raiva e a minha aversão. A presença de um me é agradável e cara e enche a minha alma de uma alegria rara; o outro, só de olhar, me inspira a dor de um impulso se-

creto de raiva e de horror. Me ver mulher de um, é uma idéia querida, mas me entregar ao outro é me tirar a vida. Mas chega de exhibir meus pobres sentimentos e perder tanto tempo com esses tormentos. Aquele que eu amo deve, sem tardança, fazer o que eu odeio perder a esperança. E que um bom casamento me alivie a sorte desse suplício que é, pra mim, pior do que a morte.

ISABEL- E o único jeito de me deixar contente.

ESGANARELO- Pois logo vai estar.

ISABEL- Sei que uma moça não deve externar livremente sua opinião

ESGANARELO- Não, não!

ISABEL- Mas neste momento da minha vida, essa liberdade deve ser permitida. Acho até que não seria vergonhoso me declarar quem já vejo como esposo.

ESGANARELO- Claro, meu anjo, jóia do meu coração!

ISABEL- Que ele, por favor, me prove a sua paixão!

ESGANARELO- Claro! Beije minha mão.

ISABEL- Que sem mais suspiros, conclua o casamento que eu tanto aspiro e receba a jura que minha alma lhe faz de nunca ouvir declarações de ninguém mais.

Ela faz menção de abraçar Esganarelo e dá a mão para Valério beijar.

ESGANARELO- Ai, narizinho e essa boquinha que é um encanto!... não vai ter de esperar muito, eu te garanto. Ssh! *(para Valério)* Você está vendo? Ou ainda quer que eu repita? E só por mim que o coração dela palpita.

VALERIO- Muito bem, muito bem, já está tudo explicado e compreendo o que me é solicitado. E saberei remover da sua presença aquele que lhe faz tamanha violência.

ISABEL- Nem sabe o prazer que vai me proporcionar, pois essa presença é impossível suportar. E odiosa e o horror é tão forte pra mim...

ESGANARELO- Ê-ê!

ISABEL- Será que eu te ofendo falando assim? Será...?

ESGANARELO- Eu não disse isso, minha pequena! Mas, de fato, o estado desse homem dá pena. E a raiva que você demonstra é muito forte.

ISABEL- E pouco para a dor que o céu quer que eu suporte.

VALERIO- Daqui três dias seus olhos não mais verão aquele

que é odioso ao seu coração.

ISABEL- Assim espero. Adeus.

ESGANARELO- (*para Valério*) Lamento o seu azar, mas...

VALERIO- O senhor nunca vai me ouvir me lamentar. Com toda certeza, ela faz justiça aos dois e vou me empenhar em fazer o que ela me impôs. Adeus.

ESGANARELO- Coitado! Parece uma alma penada. Vem cá, me dê um abraço. Ela está transtornada.

Abraça Valério.

Saem Valério e Ergasto.

Cena 15

Isabel, Esganarelo

ESGANARELO- Eu tenho pena do rapaz.

ISABEL- Pois não devia.

ESGANARELO- Mas o teu amor me enche de alegria, bonita. E quero te dar a recompensa. Oito dias é demais pra tua impaciência: Casamos amanhã. Sei o quanto te custa ...

ISABEL- Amanhã!

ESGANARELO- Eu sei que é por pudor que se assusta, mas sei também a alegria que isso te dá, pois, por você, a gente se casava já.

ISABEL- Mas...

ESGANARELO- Temos muita coisa para preparar.

ISABEL- (*à parte*) Ai, Deus! O que posso fazer para evitar?

Saem Isabel e Esganarelo.

TERCEIRO ATO

Cena 1

Entra Isabel.

ISABEL- A morte me parece cem vezes melhor do que esse casamento que querem me impor e tudo o que faço pra evitar essa pena terá de ser perdoado por quem me condena. Já está anoitecendo e, sem nenhum temor, entrego a vida nas mãos do meu sedutor.

Cena 2

Entra Esganarelo.

ESGANARELO- (*falando para o interior da casa*) Eu já volto.
E amanhã vamos, da minha parte...

ISABEL- Ai!

ESGANARELO- Você, neném? Onde vai assim tão tarde? Ué!
Você não disse que estava cansada e ia pro seu quarto pra ficar deitada? Nem quis tomar comigo uma taça de vinho pra poder descansar até amanhã cedinho.

ISABEL- Certo. Mas...

ESGANARELO- Quê?

ISABEL- Ai! Eu estou até sem ar! Nem sei como é que vou fazer pra te explicar

ESGANARELO- Que foi? O que?

ISABEL- Um segredo. Acabei de descobrir. É a minha irmã que me obriga a sair. Me contou uma coisa que me deixou danada e pediu pra ficar no meu quarto trancada.

ISABEL- Imagine! Ela ama o pretendente que dispensamos.

ESGANARELO- Valério?

ISABEL- Perdidamente. E uma paixão tão grande, que está transtornada. Veja você a que ponto ela foi levada: veio me procurar, sozinha, a esta hora pra revelar o sentimento que devora sua alma e me dizer que acaba com a vida se não satisfizer essa paixão perdida. Que já faz um ano que, apesar do medo, os seus corações trocam juras em segredo e que, logo que começaram a se olhar, chegaram a prometer que iam se casar...

ESGANARELO- Que bandida!

ISABEL- Quando soube do desespero em que eu precipitei

esse cavalheiro, veio pedir a minha ajuda encarecida para ela consolar essa alma ferida. E à noite, usando o meu nome, ver o rapaz na janela que dá pra viela de trás. E imitando a minha voz dizer o que sente por ele, depois do doloroso incidente e conseguir transferir para ela, assim, o que sabemos que ele sentia por mim.

ESGANARELO- E você acha isso...

ISABEL- Eu? Acho um horror! O que?, eu disse, ficou maluca, Leonor? Não tem vergonha de sentir essa paixão por alguém que muda tanto de opinião? De esquecer que é mulher e trair a esperança do homem que um dia vai te dar uma aliança?

ESGANARELO- Ele bem merece, pra não ser mais birrento.

ISABEL- Enfim, tentei tudo, usei milhões de argumentos pra provar e comprovar que ela estava errada e fazer ela desistir... Não adiantou nada! Ela me provou que o seu desejo era urgente, chorou e suspirou tão dolorosamente, insistiu tanto que a sua alma enlouquecia se recusasse aquilo que ela me pedia, que acabei cendendo, contra a minha vontade. E para me ajudar nessa dificuldade em que minha irmã me envolveu

com seu drama, ia indo buscar Lucrecia, a velha ama, pra dormir conosco e garantir o respeito, quando você me viu saindo desse jeito.

ESGANARELO- Não, não. Aqui em casa eu não quero confusão! Eu podia concordar, pelo meu irmão, mas alguém na rua poderia enxergar e aquela que no casamento eu devo honrar tem de ser bem-nascida, pudica e direita e jamais levantar sequer uma suspeita. Vamos falar com essa infame descarada...

ISABEL- Com você ela vai ficar muito envergonhada. E com razão vai poder me apontar o dedo e dizer que eu não soube guardar o segredo. Como eu não cumpri o que lhe prometi, espere ao menos que eu faça ela sair.

ESGANARELO- Tá bom, faça.

ISABEL- Então se esconda, por favor, e, sem dizer nada, veja quando ela for.

ESGANARELO- Sei. E só por você que eu vou me controlar. Mas um minuto depois que ela passar, vou direto procurar meu irmão Aristo, pra que ele fique sabendo de tudo isto.

ISABEL- Eu só te peço é para você não me envolver. Assim

que ela sair, eu vou me recolher.

ESGANARELO- Até amanhã, meu bem... Como estou impaciente pra dizer ao meu irmão que ele é imprudente! O trouxa que fez tanto discurso à toa, vai ver com quantos paus se faz uma canoa.

ISABEL- (*dentro de casa*) Eu sei que está sofrendo, que é muito sensível, minha irmã, mas o que me pede é impossível. A minha honra já sofreu golpes mortais. Adeus. Vá, antes que seja tarde demais.

ESGANARELO- Essa pra mim é uma peste. Que Deus nos salve! Pra ela não voltar, vamos fechar á chave.

ISABEL- (*saindo*) Não me abandone neste momento, Deus Pai!

ESGANARELO- Vamos seguir um pouco. Onde será que vai?

ISABEL- (*á parte*) Pelo menos, a noite está me protegendo.

ESGANARELO- Na casa do amante! O que é que está pretendendo?

Cena 3

Entra Valério, bruscamente.

VALERIO- Eu tenho de fazer um esforço mais sério para falar

com... Quem é?

ISABEL- (*para Valério*) Silêncio, Valério. Sou eu, Isabel.
Temos de tomar cuidado.

ESGANARELO- Ela mente, a maldita! E um duplo pecado!
Isabel respeita a honra dos seus avós, você não! E
ainda usa o seu nome e a sua voz!

ISABEL- (*para Valério*) Mas se você se casar comigo, eu ju-
ro...

VALERIO- Você é tudo o que eu sonho para o meu futuro! E
juro por Deus que, a partir de amanhã, faço qualquer
coisa pra merecer sua mão.

ESGANARELO- (*à parte*) O pateta abusa!

VALERIO- Pode entrar sossegada que eu enfrento a fúria do seu
cão-de-guarda e se ele tentar te arrancar do meu
abraço, com uma fúria igual sou eu que o despedaço.

Saem Isabel e Valério.

Cena 4

Esganarelo, sozinho

ESGANARELO- Te juro que não tenho o menor desejo de afas-

tar essa messalina dos teus beijos. As tuas juras não me deixam nada invejoso. Queira ou não queira você vai ser seu esposo. E, vamos pegar de surpresa a descarada atrevida. A memória do pai terá a honra devida e os meus cuidados com a outra, mais submissa, exigem respeito por moral e justiça.

Bate na porta da delegacia.

Cena 5

Entram Delegado, Escrivão e um criado com uma tocha.

DELEGADO- Quem é?

ESGANARELO- Boa noite, delegado de plantão. Sua presença é exigida, mesmo de roupão. Venha comigo e traga sua luz com a gente

DELEGADO- E pra sair?...

ESGANARELO- Trata-se de um caso muito urgente.

DELEGADO- O que?

ESGANARELO- Ir logo ali e pegar no flagrante dois jovens que devem casar o quanto antes! E uma moça nova que, com um juramento, um tal de Valério seduziu e está

lá dentro. El vem de família nobre e virtuosa, mas...

DELEGADO- Se é pra isso, a situação é venturosa, pois o escrivão está aqui.

ESCRIVÃO- Escrivão real.

DELEGADO- E além disso, homem honrado.

ESGANARELO- Acredito. Fique naquela porta ali e vigie, em silêncio, pra ninguém sair. Será recompensado por esse transtorno, mas não vá cair na tentação de um suborno.

DELEGADO- Como! Acha então que um servidor da justiça...

ESGANARELO- Sem ofender o seu cargo, eu conheço a cobiça. Vou trazer o meu irmão, imediatamente. Mande o seu tocheiro seguir na minha frente. (*à parte*) Vai ser um choque para aquele moleirão.

Saem Delegado e Escrivão.

ESGANARELO - Olá!

Bate na porta de Aristo.

Cena 6

Entra Aristo.

ARISTO- Quem bate? Ah! E você, meu irmão?

ESGANARELO- Venha, jovem grisalho, grande educador, vou te mostrar uma coisa que é um primor!

ARISTO- Como é?

ESGANARELO- Vim te trazer uma boa notícia.

ARISTO- O que?

ESGANARELO- Onde está Leonor, a sua noviça?

ARISTO- Por que pergunta? Está na casa de uma amiga, dançando no baile, eu acho.

ESGANARELO- Ah, sei, sei. Me siga. Vai ver que tipo de baile a donzela gosta.

ARISTO- Que foi?

ESGANARELO- E o resultado da sua proposta: "não é bom viver como se fosse um censor, pois suas almas só se educam com amor. Não são grades, cadeados, nem desconfiança que fazem a virtude da mulher, da criança e seria um êrro abusar da austeridade, pois mulheres também amam a liberdade." E fato. E ela esgotou a quota, a descarada. A virtude pra ela é bem... humanizada.

ARISTO- Onde é que você está querendo chegar?

ESGANARELO- E, velho, as coisas se encaixam em seu lugar. Não quero que perca, por nada deste mundo, o fruto dos seus pensamentos tão profundos. O que nossas lições fizeram com as irmãs? Uma persegue e a outra foge do galã!

ARISTO- Se você não me esclarecer esse mistério...

ESGANARELO- Mistério é que o baile é na casa de Valério. Eu mesmo, agora há pouco, segui os seus passos e, neste momento, ela está entre seus braços.

ARISTO- Quem?

ESGANARELO- Leonor.

ARISTO- Já chega de brincar, meu irmão.

ESGANARELO- Brincar, eu?... Ele é que é bom na sedução, velho idiota! Eu estou falando muito sério: sua Leonor está na casa de Valério. Antes dele perseguir a minha Isabel, foi pra sua que prometeu amor fiel.

ARISTO- Essa história toda não está me convencendo...

ESGANARELO- Eu sabia! Ele só vai acreditar, vendo. Que raiva! A idade transforma a gente em escrava quando não se tem isto. *(bate os dedos na testa)*

ARISTO- Você esperava...

ESGANARELO- Não espero nada! Venha comigo somente e vai ver que o seu irmão mais novo não mente. Vai ver como essa jura de amor profano juntou os dois corações faz mais de um ano.

ARISTO- Ao que tudo indica, sem me consultar, ela já resolveu com quem vai se casar! Eu, que em tudo, desde a sua mais tenra infância sempre demonstrei a mais total tolerância e que mil vezes declarei minha intenção de jamais contrariar a sua inclinação!

ESGANARELO- Enfim, você vai ver com o seu próprio olho. Eu já deixei delegado e escrivão de molho. Temos todo interesse que esse casamento repare a honra dela, levada pelo vento; pois acho que você não vai fazer a besteira de casar com uma moça que não é mais inteira! Ou quem sabe você ainda vai argumentar que está acima do que os outros possam falar.

ARISTO- Eu? Eu nunca teria a indignidade de domar um coração contra a vontade. Mas é difícil acreditar...

ESGANARELO- Mais palavrório! Vamos, antes que comece o falatório.

Entram Delegado e Escrivão.

DELEGADO- Não foi preciso usar da força até o momento e se os senhores querem mesmo o casamento, não têm nenhuma razão pra se preocupar, pois todos dois estão querendo se casar; Valério assinou um termo de compromisso que se casa com essa moça que deu sumiço.

DELEGADO - Esta trancada e não quer sair. Acha que os senhores não vão consentir.

Cena 8

Valério surge na janela da sua casa.

VALERIO- Meus senhores, não vou deixar entrar ninguém, enquanto não disserem que está tudo bem. Sabem quem eu sou e cumpro com o meu dever, assinando esse papel que podem ver. Se pretendem aprovar a nossa união que assinem também uma autorização. Caso contrário, vão ter é de me matar, porque ninguém vai conseguir nos separar.

ESGANARELO- Ninguém quer acabar com essa lua-de-mel.

(*Baixo, à parte*) Ele ainda está pensando que é Isabel. Melhor assim pra nós.

ARISTO- Mas será que é Leonor?

ESGANARELO- (*para Aristo*) Calma.

ARISTO- Mas...

ESGANARELO- Quietos!

ARISTO- Quero saber...

ESGANARELO- Por favor, calado!

VALERIO- Seja qual for sua decisão, eu amo Isabel e ela me deu sua mão. Se pensarem bem, eu não sou um mau partido que tenha de ser recusado e repellido.

ARISTO- (*para Esganarelo*) O que ele diz até que...

ESGANARELO- Não diga mais nada, já te conto o segredo.
(*para Valério*) Questão encerrada: nós concordamos que você seja marido daquela que entrou na sua casa escondido.

DELEGADO- Então é nesses termos que fica a coisa. O nome eu deixo em branco, pois não vi a esposa. Assine, que a moça pode assinar mais tarde.

VALERIO- Eu concordo.

ESGANARELO- E eu também, de minha parte. (*à parte*) Vai ser bem gozado. (*alto*) Vamos, assine, Aristo, a hon-

ra é sua.

ARISTO- Que mistério tudo isto...

ESGANARELO- Que diabo! Assine logo, grande tutor!

ARISTO- Ele fala de Isabel, você de Leonor.

ESGANARELO- Você não disse que se for sua protegida, você
permite aos dois que juntem suas vidas?

ARISTO- Claro.

ESGANARELO- Assine logo, pra eu poder assinar.

ARISTO- Sei. Não entendi nada.

ESGANARELO- Vou te explicar.

DELEGADO- Já estamos indo.

ESGANARELO- (*para Aristo*) Agora, vá se preparando pra
ouvir o fim da história.

Saem Valério, Delegado e Escrivão.

Esganarelo e Aristo retiram-se para o fundo do teatro.

Cena 9

Entram Leonor e Lisete.

LEONOR- Que martírio nefando! Aguentar esses moços imper-
tinentes! E eu que fugi pra ir ao baile com essa gen-

te!

LISETE- Mas cada um queria ser mais agradável...

LEONOR- Juro! Nunca vi nada mais insuportável! Preferia ficar em casa, sossegada, que ouvir esses tolos que não dizem nada. Acham que todas cedem a uma peruca louca e pensam que suas palavras são sedutoras quando vêm, com o mau gosto da mocidade, caçoar do amor de um homem de mais idade. E eu, por esse velho sinto mais ternura do que é capaz qualquer desses cabeças-duras. Mas olhe ali, não é...

ESGANARELO- (*para Aristo*) Então, essa é a novela. (*percebendo Leonor*) Ah! ei-la que surge e a criada com ela!

ARISTO- Leonor, sem nenhum rancor, quero protestar. Você sabe que jamais quis te contrariar e mais de mil vezes declarei claramente que podia escolher seu amor livremente. Mas seu coração, desprezando o que eu dizia, escolhe um marido á minha revelia. Eu não me arrependo da minha ternura, mas a sua atitude é uma prova bem dura e que ofende muito cruelmente a lei de doce amizade com que eu te eduquei.

LEONOR- Eu não sei porque está me falando assim, mas saiba

que nada mudou dentro de mim, que nada jamais vai impedir que eu te estime, que qualquer outro amor me parece um crime e se quer me dar o que minha alma deseja, amanhã mesmo nos casamos na igreja.

ARISTO- Então, meu irmão, você perdeu o critério...

ESGANARELO- Quê! você não saiu da casa de Valério? Vocês não estavam lá dentro, namorando? E não está louca por ele há mais de um ano?

LEONOR- Quem foi que me pintou essa bela figura e teve a audácia de inventar essa impostura?

Cena 10

Entram Isabel, Valério, Ergasto, Delegado e Escrivão.

ISABEL- Perdão, minha irmã. Imploro sua bondade, se manchei teu nome com minhas liberdades. Foi o desespero de uma situação extrema que me inspirou esse imoral estratégia. Teu exemplo condena esse impulso inconsciente, mas nossos destinos eram tão diferentes! (*para Esganarelo*) Pra você não quero mais inventar histórias, vai ser melhor eu só viver na sua memória. Não fomos feitos pra viver sob o

mesmo teto e, reconheço, não mereço o seu afeto. Por isso preferi me ver em outras mãos pra não ferir ainda mais teu coração.

VALERIO- (*para Esganarelo*) Minha maior esperança é que os céus convençam o senhor a nos dar, enfim, a sua bênção.

ARISTO- Se o remédio é amargo, se toma devagar. E, meu irmão, você vai ter de concordar que é você mesmo o culpado por esta cena. Mesmo enganado, você não desperta pena.

LISETE- Credo, eu até que gostei desse resultado. E o preço que ele paga por ser tão malvado!

LEONOR- Não se pode saber qual será seu destino, pois não cabe a ninguém julgar seu desatino.

ERGASTO- Os astros que decidem quem é que vai ser corno. Ele tem sorte que só ficou no contorno.

ESGANARELO- (*saindo do estupor em que caiu*) Não consigo sair da minha confusão! Esse jogo infernal me confunde a razão e estou achando que nem o próprio Sattã consegue ser tão mau quanto essa cortesã. Por ela eu punha a mão no fogo sem sofrer. Pobre daquele que confia em uma mulher! Até na melhor delas a

malícia abunda e é só por causa delas que o mundo se afunda. Eu renuncio a esse sexo traidor. Se forem todas pro inferno, será um favor.

Esganarelo saí.

ERGASTO- Bom.

ARISTO- Pra minha casa. E Valério é convidado. Cuidaremos amanhã daquele coitado.

LISETE- (*para a platéia*) Se a senhora também tem um marido que amola, manda ele estudar aqui, na nossa escola.

FIM

São Paulo, 18 de outubro de 1991